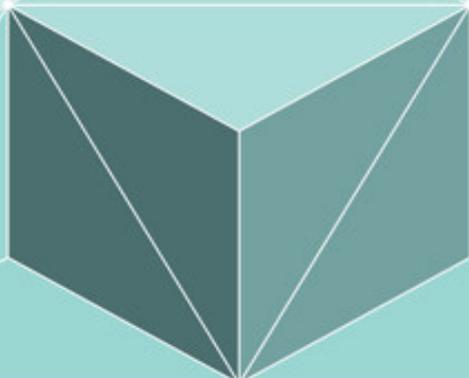


BONSAI

ALEJANDRO ZAMBRA



LEY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COSACNAIFY

BONSAI

ALEJANDRO ZAMBRA

TRADUÇÃO Josely Vianna Baptista

Para Alhelí

Passavam-se os anos, e a única pessoa que não mudava era a jovem do seu livro.

Yasunari Kawabata

A dor se talha e se detalha.

Gonzalo Millán

1. VULTO

NO FINAL ELA MORRE E ELE FICA SOZINHO, ainda que na verdade ele já tivesse ficado sozinho muitos anos antes da morte dela, de Emilia. Digamos que ela se chama ou se chamava Emilia e que ele se chama, se chamava e continua se chamando Julio. Julio e Emilia. No final, Emilia morre e Julio não morre. O resto é literatura:

A primeira noite em que dormiram juntos foi por acaso. Ia ter prova de Sintaxe Espanhola II, matéria que nenhum dos dois dominava, mas como eram jovens e teoricamente estavam dispostos a tudo, estavam dispostos até a estudar Sintaxe Espanhola II na casa das gêmeas Vergara. O grupo de estudo acabou sendo bem mais numeroso do que o previsto: alguém colocou música, dizendo que costumava estudar com música, outro trouxe vodca, argumentando que era difícil se concentrar sem vodca, e um terceiro foi comprar laranjas, porque não suportava tomar vodca sem suco de laranja. Às três da manhã, completamente bêbados, resolveram ir dormir. Embora Julio preferisse passar a noite com uma das irmãs Vergara, resignou-se rapidamente a dividir o quarto de empregada com Emilia.

Julio não gostava que Emilia fizesse tantas perguntas nas aulas, e Emilia se aborrecia porque Julio passava de ano quase sem aparecer na faculdade, mas naquela noite ambos descobriram as afinidades emotivas que com um pouco de vontade qualquer casal é capaz de descobrir. Nem é preciso dizer que foram muito mal na prova. Uma semana depois, para o exame de recuperação, foram estudar de novo com as Vergara e dormiram juntos novamente, mesmo não tendo, desta segunda vez, que dividir um quarto, pois os pais das gêmeas tinham viajado para Buenos Aires.

Pouco antes de se envolver com Julio, Emilia decidiu que dali pra frente só *follaría*, treparia, como os espanhóis, não faria mais amor com ninguém, não deitaria nem transaria com mais ninguém, muito menos foderia ou fuderia. Este é um problema chileno, disse Emilia,

então, a Julio, com uma desenvoltura que só lhe nascia na escuridão, e em voz bem baixa, naturalmente: Este é um problema dos jovens chilenos, somos jovens demais para fazer amor, e no Chile se você não faz amor só pode foder ou fuder, mas eu não gostaria de fuder nem de foder com você, preferiria que nós trepássemos, como na Espanha.

Mas na época Emilia não conhecia a Espanha. Anos mais tarde moraria em Madri, cidade onde treparia bastante, mas não mais com Julio, e sim, fundamentalmente, com Javier Martínez e com Ángel García Atienza e com Julián Albuquerque e até, mas só uma vez, e um pouco forçada, com Karolina Kopeć, sua amiga polonesa. Mas naquela noite, naquela segunda noite, Julio se transformou no segundo parceiro sexual da vida de Emilia, ou, como dizem as mães e as psicólogas com certa hipocrisia, no segundo homem de Emilia, que passou, por sua vez, a ser o primeiro relacionamento sério de Julio. Julio fugia dos relacionamentos sérios, não se escondia das mulheres, mas da seriedade, pois sabia que a seriedade era tanto ou mais perigosa que as mulheres. Julio sabia que estava condenado à seriedade, e tentava, obstinadamente, torcer seu destino sério, passar o tempo na estoica espera daquele espantoso e inevitável dia em que a seriedade chegaria para se instalar para sempre na sua vida.

O PRIMEIRO NAMORADO DE EMILIA ERA MUITO devagar, mas havia autenticidade em sua lentidão. Cometeu muitos erros e quase sempre soube reconhecê-los e corrigi-los, mas há erros impossíveis de corrigir, e o lerdo, o primeiro, cometeu um ou dois desses erros imperdoáveis. Nem vale a pena mencioná-los.

Ambos tinham quinze anos quando começaram a sair, mas quando Emilia completou dezesseis, e dezessete, o lerdo continuou tendo quinze. E assim por diante: Emilia completou dezoito, e dezenove, e vinte e quatro, e ele quinze; vinte e sete, vinte e oito, e ele quinze, ainda, até os trinta anos dela, pois Emilia não continuou fazendo anos depois dos trinta, e não porque a partir de então tivesse decidido ir diminuindo a idade, mas porque poucos dias depois de completar trinta anos Emilia morreu, e então não fez mais aniversário porque começou a estar morta.

O segundo namorado de Emilia era muito branco. Com ele descobriu as trilhas, os passeios de bicicleta, o jogging e o iogurte. Foi, especialmente, um tempo de muito iogurte, e isto, para Emilia, foi importante, porque ela vinha de um período de muito pisco, de longas e complicadas noites de pisco com coca-cola e de pisco com limão, e até mesmo de pisco puro, seco, sem gelo. Ficavam sempre no maior amasso mas não chegaram a transar, porque ele era muito branco e isso deixava Emilia meio desconfiada, embora ela mesma fosse muito branca, quase completamente branca, de cabelo curto e pretíssimo, muito.

O terceiro, na verdade, era um doente. Desde o início ela soube que a relação estava fadada ao fracasso, mas mesmo assim ficaram juntos um ano e meio, e ele foi seu primeiro parceiro sexual, seu primeiro homem, aos dezoito dela, aos vinte e dois dele.

Entre o terceiro e o quarto aconteceram muitos amores de uma noite, incitados, acima de tudo, pelo tédio.

O quarto foi Julio.

SEGUINDO UM ARRAIGADO COSTUME FAMILIAR, a iniciação sexual de Julio foi acertada, por dez mil pesos, com Isidora, a prima Isidora, que naturalmente não se chamava Isidora nem era prima de Julio. Todos os homens da família tinham passado por Isidora, uma mulher ainda jovem, de ancas milagrosas e certa inclinação para o romantismo, que concordava em atendê-los, embora já não fosse o que se chama de puta, de uma puta-puta: agora, e ela sempre tentava deixar isso bem claro, trabalhava como secretária de um advogado.

Aos quinze anos, Julio conheceu a prima Isidora, e continuou a conhecê-la durante os anos seguintes, na qualidade de presente especial, quando insistia o suficiente, ou quando a brutalidade de seu pai abrandava e, devido a isso, iniciava o período conhecido como período de arrependimento do pai, e depois o período de culpa do pai, cuja consequência mais feliz era o desprendimento econômico. Nem precisa dizer que Julio ficou de quatro por Isidora, que a amou, e que ela, fugazmente enternecida pelo jovem leitor que se vestia de preto, tratava-o melhor do que os outros convidados, mimava-o, educava-o, de certo modo.

Só aos vinte anos Julio começou a frequentar com intenções sociosexuais mulheres de sua idade, com pouco sucesso, mas o suficiente para que resolvesse deixar Isidora. Deixá-la, é claro, do mesmo modo que se deixa de fumar ou de apostar em cavalos. Não foi fácil, mas meses antes daquela segunda noite com Emilia, Julio já se considerava livre do vício.

Naquela segunda noite, então, Emilia competiu com uma rival única, embora Julio nunca as tivesse comparado, em parte porque não havia comparação possível, e também porque Emilia passou a ser, oficialmente, o único amor de sua vida, e Isidora apenas uma antiga e agradável fonte de diversão e de sofrimento. Quando Julio se apaixonou por Emilia toda a diversão e todo o sofrimento prévios

à diversão e ao sofrimento que lhe proporcionava Emilia passaram a ser simples imitações da diversão e do sofrimento verdadeiros.

A PRIMEIRA MENTIRA QUE JULIO CONTOU A Emilia foi que tinha lido Marcel Proust. Não costumava mentir sobre suas leituras, mas naquela segunda noite, quando os dois sabiam que alguma coisa estava começando entre eles, e que essa coisa, durasse o quanto durasse, ia ser importante, naquela noite Julio impostou a voz e fingiu intimidade, e disse que sim, que tinha lido Proust, aos dezessete anos, num verão, em Quintero. Na época ninguém mais passava o verão em Quintero, nem mesmo os pais de Julio, que tinham se conhecido na praia de El Durazno, iam a Quintero, um balneário bonito mas agora invadido pelo proletariado, onde Julio, aos dezessete, conseguiu a casa de seus avós para se trancar e ler *Em busca do tempo perdido*. Era mentira, claro: ele tinha ido a Quintero naquele verão, e tinha lido muito, mas Jack Kerouac, Heinrich Böll, Vladimir Nabokov, Truman Capote e Enrique Lihn, não Marcel Proust.

Naquela mesma noite, Emilia mentiu pela primeira vez para Julio, e a mentira foi a mesma, que tinha lido Marcel Proust. No começo, ela se limitou a concordar: Eu também li Proust. Mas logo houve um grande silêncio, que não era um silêncio incômodo, mas expectante, de maneira que Emilia precisou completar a história: Foi no ano passado, não faz muito tempo, levei uns cinco meses, andava atarefada, você sabe, com os trabalhos da faculdade. Mas me propus a ler os sete tomos e a verdade é que esses foram os meses mais importantes da minha vida de leitora.

Usou esta expressão: minha vida de leitora, disse que aqueles haviam sido, sem dúvida, os meses mais importantes da sua vida de leitora.

Em todo caso, na história de Emilia e Julio há mais omissões que mentiras, e menos omissões que verdades, dessas verdades que são chamadas de absolutas e que costumam ser incômodas. Com o tempo, que não foi muito mas o bastante, trocaram confidências

sobre seus desejos e aspirações mais íntimos, seus sentimentos desmedidos, suas breves e exageradas vidas. Julio confiou a Emilia assuntos que só o psicólogo de Julio deveria saber, e Emilia, por sua vez, converteu Julio numa espécie de cúmplice retroativo de cada uma das decisões que ela havia tomado ao longo da vida. Daquela vez, por exemplo, quando decidiu que odiava sua mãe, aos quatorze anos: Julio a escutou atentamente e opinou que sim, que Emilia, aos quatorze anos, estava certa, que não havia outra decisão possível, que ele teria feito o mesmo e, claro, se na época, aos quatorze, eles já estivessem juntos, ele com certeza a teria apoiado.

A relação de Emilia e Julio foi infestada de verdades, de revelações íntimas que rapidamente estabeleceram uma cumplicidade que eles quiseram entender como definitiva. Esta é, então, uma história leve que se torna pesada. Esta é a história de dois estudantes devotados à verdade, a dispersar frases que parecem verdadeiras, a fumar cigarros eternos e a se fechar na violenta complacência dos que se creem melhores, mais puros do que o resto, do que esse imenso e desprezível grupo que chamam de *o resto*.

Rapidamente aprenderam a ler os mesmos livros, a pensar parecido e a disfarçar as diferenças. Logo moldaram uma vaidosa intimidade. Ao menos naquela época, Julio e Emilia conseguiram se fundir numa espécie de vulto. Em resumo, foram felizes. Disso não resta dúvida.

2.

TANTALIA

DESDE ENTÃO CONTINUARAM TREPANDO, EM casas emprestadas e em motéis de lençóis que recendiam a pisco sour. Trepavam durante um ano e esse ano pareceu breve, embora tenha sido longuíssimo, esse foi um ano especialmente longo, depois do qual Emilia foi morar com Anita, sua amiga de infância.

Anita não simpatizava com Julio, pois o considerava convencido e depressivo, mas teve que aceitá-lo na hora do café da manhã e certa vez, talvez para demonstrar a si mesma e a sua amiga que no fundo Julio não a desagradava, chegou a preparar-lhe ovos quentes, o desjejum favorito de Julio, o hóspede permanente do apertado e quase inóspito apartamento que Emilia e Anita dividiam.

O que deixava Anita chateada com Julio era que ele tinha mudado sua amiga:

Você mudou minha amiga. Ela não era assim.

E você sempre foi assim?

Assim como?

Assim, do jeito que você é.

Emilia interveio, conciliadora e compreensiva. Qual o sentido de ficar com alguém se essa pessoa não muda a sua vida? Disse isso, e Julio estava presente quando disse: que a vida só tinha sentido se a gente encontrasse alguém que mudasse, que destruísse sua vida. Anita achou aquela teoria duvidosa, mas não discutiu. Sabia que quando Emilia falava naquele tom era absurdo contradizê-la.

AS EXTRAVAGÂNCIAS DE JULIO E EMILIA NÃO eram apenas sexuais (que existiam), nem emocionais (que eram muitas), mas também, digamos, literárias. Numa noite especialmente feliz, Julio leu, meio de brincadeira, um poema de Rubén Darío que Emilia dramatizou e banalizou até transformá-lo num verdadeiro poema sexual, um poema de sexo explícito, com gritos, com orgasmos. Então virou um hábito o lance de ler em voz alta – em voz baixa – toda noite, antes de trepar. Leram *O livro de Monelle*, de Marcel Schwob, e *O pavilhão dourado*, de Yukio Mishima, que foram razoáveis fontes de inspiração erótica para eles. Mas logo as leituras se diversificaram a olhos vistos: leram *Um homem que dorme* e *As coisas*, de Perec, vários contos de Onetti e de Raymond Carver, poemas de Ted Hughes, de Tomas Tranströmer, de Armando Uribe e de Kurt Folch. Até fragmentos de Nietzsche e de Émile Cioran eles leram.

Um bom ou mau dia o acaso os levou às páginas da *Antologia da literatura fantástica* de Borges, Bioy Casares e Silvina Ocampo. Depois de imaginar abóbadas ou casas sem portas, depois de inventariar os traços de fantasmas inomináveis, deitaram âncora em “Tantalia”, um conto de Macedonio Fernández que os afetou profundamente.

“Tantalia” é a história de um casal que decide comprar uma plantinha para conservá-la como símbolo do amor que os une. Percebem, tardiamente, que se a plantinha morrer, morrerá com ela o amor que os une. E como o amor que os une é imenso e por nenhum motivo estão dispostos a sacrificá-lo, decidem fazer a plantinha se perder entre uma multidão de plantas idênticas. Depois ficam inconsoláveis, infelizes por saber que nunca mais poderão encontrá-la.

Ela e ele, os personagens de Macedonio, tiveram e perderam uma plantinha do amor. Emilia e Julio – que não são exatamente personagens, embora talvez fosse conveniente pensá-los como

personagens – ficam vários meses lendo antes de trepar, é muito agradável, pensa ele e pensa ela, e às vezes pensam ao mesmo tempo: é muito agradável, é bonito ler e comentar o que leram um pouco antes de trançarem as pernas. É como fazer ginástica.

Nem sempre é fácil encontrar nos textos algum motivo, mínimo que seja, para trepar, mas no fim sempre conseguem isolar um parágrafo ou um verso que, caprichosamente estendido ou pervertido, funciona, aquece-os. (Gostavam desta expressão, “aquecer-se”, por isso a registro. Gostavam quase tanto como de aquecer-se de fato.)

Mas daquela vez foi diferente:

Não gosto mais de Macedonio Fernández, disse Emilia, que montava as frases com uma timidez inexplicável, enquanto acariciava o queixo e parte da boca de Julio.

E Julio: Eu também não. Antes eu me divertia, gostava muito dele, mas agora não. Macedonio não.

Tinham lido bem baixinho o conto de Macedonio e em voz baixa continuavam conversando:

É absurdo, como um sonho.

É que é um sonho.

É uma idiotice.

Não entendo você.

Nada, é que é absurdo.

AQUELA DEVERIA TER SIDO A ÚLTIMA TREPADA de Emilia e Julio. Mas eles continuaram, apesar das sucessivas queixas de Anita e do insólito desconforto que lhes causou o conto de Macedonio. Talvez para amenizar a decepção, ou simplesmente para mudar de assunto, desde então recorreram exclusivamente a clássicos. Discutiram, como todos os diletantes do mundo um dia discutiram, os primeiros capítulos de *Madame Bovary*. Classificaram seus amigos como Charles ou Emma, e discutiram também se eles mesmos eram comparáveis à trágica família Bovary. Na cama não havia problema, já que ambos se esmeravam para parecer Emma, ser como Emma, trepar como Emma, pois sem dúvida nenhuma, pensavam, Emma trepava inusitadamente bem, e poderia até trepar melhor nas condições atuais; em Santiago do Chile, no final do século xx, Emma poderia trepar ainda melhor do que no livro. Nessas noites, o quarto se transformava numa carruagem blindada que rodava sem cocheiro, às cegas, por uma cidade bela e irreal. O resto, o povo, murmurava invejosamente detalhes do romance escandaloso e fascinante que acontecia portas adentro.

Mas nos demais aspectos eles não chegavam a um acordo. Não conseguiam decidir se ela agia como Emma e ele como Charles, ou se eram ambos que, sem querer, pareciam Charles. Nenhum dos dois queria ser Charles, ninguém jamais quis o papel de Charles nem por um minuto.

Quando faltavam só cinquenta páginas, abandonaram a leitura, pensando, talvez, que agora poderiam se refugiar nos contos de Anton Tchekhov.

Com Tchekhov foi péssimo, um pouco melhor, curiosamente, com Kafka, mas, como se diz, o estrago já estava feito. Desde que leram "Tantalia" o desenlace era iminente, e eles, claro, imaginavam e até protagonizavam cenas que tornavam mais belo e mais triste, mais inesperado esse desenlace.

Foi com Proust. Tinham adiado a leitura de Proust devido ao segredo inconfessável que unia cada um deles à leitura – ou à não leitura – de *Em busca do tempo perdido*. Ambos tiveram de fingir que a leitura em comum era de fato uma releitura ansiada, de maneira que quando chegavam a uma das numerosas passagens que pareciam especialmente memoráveis eles mudavam a inflexão da voz ou se olhavam pedindo mais emoção, fingindo maior intimidade. Certa vez Julio chegou até a afirmar que só agora sentia que realmente estava lendo Proust, e Emilia respondeu com um sutil e desconsolado aperto em sua mão.

Como eram inteligentes, passaram ao largo dos episódios que sabiam ser célebres: o mundo se emocionou com isso, eu vou me emocionar com outra coisa. Antes de começar a ler concordaram, por precaução, que era difícil para um leitor de *Em busca do tempo perdido* recapitular sua experiência de leitura: é um desses livros que mesmo depois de lidos a gente considera pendentes, disse Emilia. É um desses livros que vamos reler sempre, disse Julio.

PARARAM NA PÁGINA 372 DE *NO CAMINHO DE Swann*, especificamente na seguinte frase:

Não é porque se sabe de uma coisa que se pode impedi-la; mas temos pelo menos as coisas que averiguamos, se não entre as mãos, ao menos no pensamento, e ali estão à nossa disposição, o que nos inspira a ilusão de exercer sobre elas uma espécie de domínio.

É possível, mas talvez seja excessivo, relacionar esse fragmento com a história de Julio e Emilia. Seria excessivo, pois o romance de Proust está coalhado de fragmentos como esse. E também porque ainda restam páginas, porque essa história continua.

Ou não continua.

A história de Julio e Emilia continua mas não prossegue.

Vai terminar alguns anos mais tarde, com a morte de Emilia; Julio, que não morre, que não morrerá, que não morreu, continua mas decide não prosseguir. Emilia também: por ora decide não prosseguir mas continua. Dentro de alguns anos não continuará nem prosseguirá mais.

Não é porque se sabe de uma coisa que se pode impedi-la, mas há ilusões, e esta história, que vem sendo uma história de ilusões, prossegue assim:

Ambos sabiam que, como se diz, o final já estava escrito, o final deles, dos jovens tristes que leem romances juntos, que acordam com livros perdidos entre as cobertas, que fumam muita maconha e ouvem canções que não são as mesmas que preferem individualmente (de Ella Fitzgerald, por exemplo: têm consciência de que nessa idade ainda é aceitável ter acabado de descobrir Ella Fitzgerald). A fantasia dos dois era ao menos terminar Proust, esticar a corda por sete volumes, e que a última palavra (a palavra "tempo") fosse também a última prevista entre eles. Ficaram lendo

juntos, lamentavelmente, pouco mais de um mês, cerca de dez páginas por dia. Pararam na página 373, e o livro, desde então, ficou aberto.

3. EMPRÉSTIMOS

PRIMEIRO FOI TIMOTHY, UM BONECO DE ARROZ vagamente parecido com um elefante. Anita dormiu com Timothy, brigou com Timothy, deu-lhe de comer e até lhe deu um banho antes de devolvê-lo a Emilia uma semana depois. Na época, as duas tinham quatro anos. Durante a semana os pais das meninas combinavam para que se encontrassem e às vezes elas passavam o sábado e o domingo brincando de pique, imitando vozes, pintando a cara com pasta de dente.

Depois foi a roupa. Emilia gostava do agasalho bordô de Anita, em troca Anita lhe pediu a camiseta do Snoopy, e assim teve início um sólido comércio que, com os anos, acabou se tornando caótico. Aos oito foi um livro para fazer origamis, que Anita devolveu um pouco estropiado nas bordas. Entre os dez e os doze se revezaram quinzenalmente para comprar a revista *Tú*, e trocaram fitas de Miguel Bosé, Duran Duran, Álvaro Scaramelli e do grupo Nadie.

Aos quatorze Emilia deu um beijo na boca de Anita, e Anita não soube como reagir. Deixaram de se ver por alguns meses. Aos dezessete Emilia beijou-a novamente e desta vez o beijo durou um pouco mais. Anita riu e disse que se ela fizesse isso de novo responderia com uma bofetada.

Aos dezessete anos Emilia foi estudar literatura na Universidade do Chile, porque esse era o sonho da sua vida. Anita, claro, sabia que estudar literatura não era o sonho da vida de Emilia, e sim um capricho diretamente relacionado a sua recente leitura de Delmira Agustini. Já o sonho de Anita era perder alguns quilos, o que não a levou, obviamente, a estudar nutrição ou educação física. Matriculou-se provisoriamente num curso intensivo de inglês, e passou vários anos estudando naquele curso intensivo de inglês.

Aos vinte, Emilia e Anita foram morar juntas. Anita estava morando sozinha havia seis meses, já que sua mãe formalizara recentemente uma relação, e merecia – foi isso que disse à filha – a oportunidade de começar do zero. Começar do zero significava

começar sem filhos e, provavelmente, continuar sem filhos. Mas nesta história a mãe de Anita e Anita não importam, são personagens secundários. Quem importa é Emilia, que aceitou com prazer o convite para morar com Anita, seduzida, em especial, pela possibilidade de trepar à vontade com Julio.

ANITA DESCOBRIU QUE ESTAVA GRÁVIDA DOIS meses antes da relação de sua amiga com Julio acabar de vez. O pai – o *responsável*, como se dizia na época – era um estudante do último ano de direito da Universidade Católica, questão que ela enfatizava, provavelmente porque tornava mais respeitável seu descuido. Embora se conhecessem havia pouco tempo, Anita e o futuro advogado decidiram se casar, e Emilia foi sua madrinha de casamento. Durante a festa, um amigo do noivo quis beijar Emilia enquanto dançavam cumbia, mas ela desviou o rosto argumentando que não gostava daquele tipo de música.

Aos vinte e seis Anita já era mãe de duas meninas e seu marido se debatia entre a possibilidade de comprar uma caminhonete e a vaga tentação de ter um terceiro filho (*para fechar a fábrica*, dizia, com uma ênfase que pretendia ser engraçada, e que talvez o fosse, já que as pessoas costumavam rir com o comentário). Tudo ia numa boa.

O marido de Anita se chamava Andrés, ou Leonardo. Vamos supor que seu nome era Andrés e não Leonardo. Vamos supor que Anita estava acordada e Andrés meio dormindo e as duas meninas dormindo na noite em que inesperadamente Emilia chegou para visitá-los.

Eram quase onze da noite. Anita fez o possível para repartir com justiça o pouco uísque que restava e Andrés teve que ir correndo fazer umas compras num armazém perto dali. Voltou com três pacotes pequenos de batatas fritas.

Por que você não trouxe um pacote grande?

Porque não tinha pacote grande.

E você não pensou, por exemplo, em trazer cinco pacotes pequenos?

Não tinha cinco pacotes pequenos. Só três.

Emilia pensou que talvez não tivesse sido uma boa ideia chegar para ver sua amiga sem avisar. Enquanto durou o ti-ti-ti, teve que se concentrar num enorme chapéu mexicano que governava a sala. Quase foi embora, mas o motivo era urgente: tinha dito no colégio que era casada. Para conseguir trabalho como professora de castelhano tinha dito que era casada. O problema é que na noite seguinte tinha uma festa com seus colegas de trabalho e era forçoso que seu esposo a acompanhasse. Depois de tantas camisetas e discos e livros e até sutiãs com enchimento, não seria tão grave se você me emprestasse seu marido, disse Emilia.

Todos os colegas dela queriam conhecer o Miguel. E Andrés podia perfeitamente se fazer passar pelo Miguel. Ela tinha dito que o Miguel era gordo, moreno e simpático, e Andrés era, pelo menos, bem moreno e bem gordo. Simpático não era, pensou nisso assim que o viu pela primeira vez, vários anos antes. Anita também era gorda e belíssima, ao menos tão bela quanto pode ser bela uma mulher tão gorda, pensava Emilia, com um pouco de inveja. Emilia era meio tosca e muito magra, Anita era gorda e linda. Anita disse que não havia nenhum inconveniente em emprestar seu marido por um tempinho.

Desde que você me devolva ele.

Pode ter certeza disso.

Caíram na risada, enquanto Andrés tentava capturar os últimos pedaços de batata frita de seu pacote. Durante a adolescência tinham sido muito cuidadosas em relação aos homens. Antes de se envolver em qualquer lance, Emilia chamava Anita, e vice-versa, para formular as perguntas de praxe. Tem certeza de que não gosta dele? Certeza mesmo?, não enrole, sua tonta.

No começo, Andrés se mostrou reticente, mas acabou cedendo. Numa dessas, podia até ser divertido.

SABE POR QUE RUM COM COCA-COLA SE CHAMA cuba-libre?

Não, respondeu Emilia, meio cansada e louca para que a festa terminasse logo.

Não sabe mesmo? Está na cara: o rum é Cuba e a coca-cola os Estados Unidos, a liberdade. Sacou?

Eu conhecia outra história.

Que história?

Eu sabia, mas esqueci.

Andrés já tinha contado várias anedotas do gênero, o que tornava difícil não considerá-lo um cara insuportável. Ele se esforçava tanto para que os colegas de Emilia não percebessem a farsa que havia se permitido até mandá-la calar a boca. Supõe-se que um marido, disse então Emilia com seus botões, manda a esposa calar a boca. Andrés manda Anita calar a boca quando acha que ela deve calar a boca. Então não pega mal que Miguel mande sua esposa calar a boca se ele acha que ela deve calar a boca. E como eu sou a esposa de Miguel eu devo me calar.

Emilia continuou assim, em silêncio, o resto da noite. Agora não só ninguém ia duvidar de que ela estava casada com Miguel, como também seus colegas não seriam pegos de surpresa por uma crise conjugal de, digamos, algumas semanas, seguida de uma repentina mas justificada separação. Mais nada: nem telefonemas, nem amigos em comum, nada. Seria fácil matar Miguel. Cortei-o pela raiz, imaginava-se dizendo para eles.

Andrés parou o carro e achou por bem arrematar a noite comentando com Emilia que a festa tinha sido muito divertida e que ele realmente não se importaria de continuar indo a essas reuniões. O pessoal é simpático e você está linda com esse vestido fúcsia.

O vestido era azul-turquesa, mas ela não quis corrigi-lo. Estavam na frente do apartamento de Emilia e ainda era cedo. Ele estava muito bêbado, ela também tinha tomado seus goles, e talvez por

isso de repente não lhe pareceu tão horroroso que Andrés – que Miguel – se demorasse um pouco entre uma palavra e outra. Mas esses pensamentos foram violentamente interrompidos no momento em que ela imaginou seu volumoso companheiro penetrando-a. Asqueroso, pensou, justo quando Andrés se aproximou além da conta e apoiou sua mão esquerda na coxa direita de Emilia.

Ela quis sair do carro e ele não concordou. Disse você está bêbado e ele respondeu que não, que não era o álcool, que já fazia muito tempo que a olhava com outros olhos. É incrível, mas ele disse isto: “Já faz muito tempo que eu te olho com outros olhos”. Tentou beijá-la e ela lhe respondeu com um soco na boca. Da boca de Andrés saiu sangue, muito sangue, uma quantidade escandalosa de sangue.

AS DUAS AMIGAS FICARAM SEM SE VER POR muito tempo depois daquele incidente. Anita nunca soube direito o que aconteceu, mas podia fazer uma ideia, uma ideia de algo que de início não lhe agradou e que depois a deixou indiferente, dado que seu interesse por Andrés era cada vez menor.

Não teve carro nem terceiro filho ou filha, mas dois anos de um silêncio calculado e uma separação, na medida do possível, amigável, que com o tempo levou Andrés a ter de si mesmo o conceito de um excelente pai separado. As meninas se hospedavam em sua casa a cada duas semanas e também passavam todo o mês de janeiro com ele, em Maitencillo. Anita aproveitou um desses verões para ir visitar Emilia. Sua culpada mãe tinha se oferecido várias vezes para financiar a viagem, e embora ela tenha custado a aceitar que ia ficar tão longe das pequenas, deixou-se vencer pela curiosidade.

Foi para Madri, mas não foi para Madri. Foi procurar Emilia, de quem perdera completamente a pista. Foi bem difícil conseguir o endereço da Calle del Salitre e um número de telefone, que Anita achou curiosamente comprido. Quando já estava no aeroporto de Barajas quase ligou para aquele número, mas desistiu, animada por um pueril atavismo das surpresas.

Madri não era bonita, pelo menos não para Anita, para a Anita que naquela manhã precisou desviar, na saída do metrô, de um grupo de marroquinos que estavam tramando alguma coisa. Na verdade eram equatorianos e colombianos, mas ela, que nunca tinha visto um marroquino na vida, pensou neles como marroquinos, pois lembrava que pouco tempo antes um homem tinha dito na tevê que os marroquinos eram o grande problema da Espanha. Achou Madri uma cidade intimidadora, hostil, e realmente levou um tempo até escolher alguém confiável para perguntar pelo endereço que trazia anotado. Houve vários diálogos ambíguos

desde que saiu do metrô até que finalmente ficou frente a frente com Emilia.

Você está usando roupa preta de novo, foi a primeira coisa que disse. Mas a primeira coisa que disse não foi a primeira coisa que pensou. E pensou muitas coisas ao ver Emilia: pensou você está feia, deprimida, parece uma viciada. Compreendeu que talvez não devesse ter viajado. Observou com atenção as sobrancelhas de Emilia, os olhos de Emilia. Mediu, com desdém, o lugar: um apartamento muito pequeno, em franca desordem, absurdo, superpovoado. Pensou, ou melhor, sentiu, que não queria ouvir o que Emilia ia lhe contar, que não queria saber o que no fim parecia condenada a saber. Não quero saber por que é que tem tanta merda neste bairro, por que você veio morar neste bairro imundo, repleto de olhares capciosos, de jovens esquisitos, de senhoras gordas que arrastam sacolas, e de senhoras gordas que não arrastam sacolas mas caminham muito devagar. Observou, de novo, com atenção, as sobrancelhas de Emilia. Resolveu que era melhor silenciar a respeito das sobrancelhas de Emilia.

Você está usando roupa preta de novo, Emilia.

Anita, você está igual.

Emilia sim disse a primeira coisa que pensou: você está igual. Está igual, continua sendo assim, exatamente do jeito que você é. E eu continuo sendo do avesso, sempre fui do avesso, e agora quem sabe eu lhe conte que em Madri fiquei ainda mais do avesso, completamente do avesso.

Consciente dos receios de sua amiga, Emilia garantiu a Anita que os dois homens com quem morava eram umas bichas pobres. Aqui os bichas se vestem muito bem, disse a ela, mas esses dois que moram comigo, infelizmente, são uns pés-rapados. Anita não quis ficar. Procuraram juntas uma pousada barata, e poderíamos dizer que bateram um longo papo, embora talvez não tenha sido assim;

seria impróprio dizer que conversaram como antes, porque antes havia confiança e agora o que as unia era mais um sentimento de desconforto, de familiaridade culpada, de vergonha, de vazio. Quase no fim da tarde, depois de fazer uns cálculos mentais urgentes, Anita pegou quarenta mil pesetas, que era quase todo o dinheiro que tinha levado. Deu-as para Emilia, que, longe de recusar, sorriu com verdadeira gratidão. Anita já conhecia aquele sorriso, que por dois segundos as reuniu e depois as deixou novamente sozinhas, frente a frente, uma querendo que durante o resto da semana a turista se dedicasse aos museus, às lojas Zara e às panquecas com melado, e a outra prometendo que não ia pensar mais no uso que Emilia daria a suas quarenta mil pesetas.

4.

SOBRAS

GAZMURI NÃO INTERESSA, QUEM INTERESSA É Julio. Gazmuri publicou seis ou sete romances que juntos constituem uma série sobre a história chilena recente. Quase ninguém os compreendeu bem, salvo Julio, talvez, que os leu e releu várias vezes.

Como é que Gazmuri e Julio se encontram?

Seria excessivo dizer que se encontram.

Mas sim: num sábado de janeiro Gazmuri espera Julio num café da Providencia. Acaba de pôr o ponto final num novo romance: cinco cadernos Colón inteiramente manuscritos. Tradicionalmente é sua esposa a encarregada de transcrever seus cadernos, mas desta vez ela não quer, está cansada. Está cansada de Gazmuri, há semanas não fala com ele, por isso Gazmuri parece exausto e descuidado. Mas a esposa de Gazmuri não interessa, o próprio Gazmuri interessa muito pouco. O velho então liga para sua amiga Natalia e sua amiga Natalia lhe diz que está muito ocupada para poder transcrever o romance, mas lhe indica Julio.

Você escreve à mão? Ninguém escreve à mão hoje em dia, observa Gazmuri, que não espera Julio responder. Mas Julio responde, responde que não, que quase sempre usa o computador.

Gazmuri: Então você não sabe do que estou falando, não conhece a pulsão. Há uma pulsão quando você escreve no papel, um ruído do lápis. Um curioso equilíbrio entre o cotovelo, a mão e o lápis.

Julio fala, mas não se ouve o que ele fala. Alguém deveria aumentar o volume dele. A voz pigarrenta e intensa de Gazmuri, em compensação, retumba, funciona:

Você escreve romances, esses romances de capítulos curtos, de quarenta páginas, que estão na moda?

Julio: Não. E acrescenta, só para dizer alguma coisa: O senhor me aconselha a escrever romances?

Olhe só que perguntas você faz. Não estou aconselhando nada, não dou nenhum conselho a ninguém. Você acha que marquei encontro com você neste café para lhe dar conselhos?

É difícil conversar com Gazmuri, pensa Julio. Difícil mas agradável. Depois Gazmuri começa a falar claramente sozinho. Fala sobre diversas conspirações políticas e literárias, e enfatiza, em especial, uma ideia: é preciso ter cuidado com os maquiadores de mortos. Tenho certeza de que você gostaria de me maquiar. Os jovens como você se aproximam dos velhos porque gostam que sejamos velhos. Ser jovem é uma desvantagem, não uma qualidade. Você deveria saber disso. Quando eu era jovem eu me sentia em desvantagem, e agora também. Ser velho também é uma desvantagem. Porque nós, os velhos, somos frágeis e não precisamos só dos agrados dos jovens, precisamos, no fundo, de seu sangue. Um velho precisa de muito sangue, escreva ou não escreva romances. E você tem muito sangue. Talvez a única coisa que você tenha sobrando, pensando agora, seja sangue.

Julio não sabe o que responder. É salvo por uma gargalhada de Gazmuri, uma gargalhada que dá a entender que pelo menos um pouco do que ele acaba de dizer é brincadeira. E Julio ri com ele; gosta de estar ali, trabalhando como personagem secundário. Quer, tanto quanto possível, se manter nesse papel, mas para se manter nesse papel certamente deve dizer algo, algo que o faça adquirir relevo. Uma piada, por exemplo. Mas a piada não sai. Não diz nada. É Gazmuri quem diz:

Nesta esquina acontece algo muito importante para o romance que você vai transcrever. Por isso marquei com você aqui. No final do romance, justamente nesta esquina acontece uma coisa importante, esta é uma esquina importante. Quanto está pensando em me cobrar por tudo isto?

Julio: Cem mil pesos?

Na verdade Julio está disposto até mesmo a trabalhar de graça, embora definitivamente não tenha dinheiro sobrando. Para ele é um privilégio tomar café e fumar cigarrilhas com Gazmuri. Disse cem mil como antes dissera bom dia, maquinalmente. E continua escutando, fica um pouco atrás de Gazmuri, diz amém a tudo que ele diz, embora preferisse escutar tudo, absorver informação, ficar, agora, cheio de informação:

Digamos que este será meu romance mais pessoal. É bem diferente dos anteriores. Vou resumi-lo um pouco para você: ele fica sabendo que uma namorada de sua juventude morreu. Como faz todas as manhãs, liga o rádio e ouve no obituário o nome da mulher. Dois nomes e dois sobrenomes. Tudo começa assim.

Tudo o quê?

Tudo, absolutamente tudo. Bem, eu ligo para você, assim que tomar uma decisão.

E o que mais acontece?

Nada, o de sempre. Tudo vai para o saco. Eu telefono, então, assim que tomar uma decisão.

JULIO CAMINHA PARA SEU APARTAMENTO, visivelmente confuso. Talvez tenha sido um erro pedir-lhe cem mil pesos, embora também não tenha certeza de que esse valor seja uma quantia importante para um sujeito como Gazmuri. Precisa do dinheiro, claro. Dá aulas de latim duas vezes por semana para a filha de um intelectual de direita. Isso, e o saldo de um cartão de crédito que seu pai lhe deu, constitui todo seu salário.

Vive no andar subterrâneo de um edifício na Plaza Italia. Quando o calor o deixa atordoado, passa um tempinho olhando pela janela os sapatos das pessoas. Naquela tarde, justamente antes de girar a chave, percebe que María, sua vizinha lésbica, está chegando. Vê seus sapatos, suas sandálias. E espera, calcula os passos e o comprimento do zelador, e ao sentir que ela está chegando se concentra em abrir a porta: finge que não acerta a chave, embora em seu chaveiro só haja duas chaves. Parece que nenhuma entra, diz em voz bem alta, enquanto olha de soslaio, e consegue ver alguma coisa. Vê o cabelo comprido e branco, que faz com que o rosto dela pareça mais escuro do que na verdade é. Um dia conversaram sobre Severo Sarduy. Ela não é especialmente leitora, mas conhece muito bem a obra de Severo Sarduy. Tem quarenta ou quarenta e cinco anos, mora sozinha, lê Severo Sarduy: por isso, porque dois mais dois são quatro, Julio pensa que María é lésbica. Julio também gosta de Sarduy, especialmente de seus ensaios, por isso sempre tem assunto para conversar com homossexuais e lésbicas.

Nessa tarde María parece menos austera que de costume, com um vestido que raramente usa. Julio está prestes a comentar isso, mas se segura, pensa que talvez ela não goste desse tipo de comentário. Para esquecer seu encontro com Gazmuri, convida-a para tomar um café. Falam de Sarduy, de *Cobra*, de *Cocuyo*, de *Big Bang*, de *Escrito sobre um corpo*. Mas também, e isto é novidade,

falam de outros vizinhos, e de política, de saladas estranhas, de branqueadores de dentes, de suplementos vitamínicos, e de um molho de nozes que ela quer que Julio experimente algum dia. Chega uma hora em que ficam sem assunto e parece inevitável que cada um retome seus afazeres. María é professora de inglês, mas trabalha em casa traduzindo manuais de software e de equipamentos de som. Ele conta que acaba de conseguir um bom trabalho, um trabalho interessante, com Gazmuri, o romancista.

Nunca li, mas dizem que ele é bom. Tenho um irmão em Barcelona que o conhece. Estiveram juntos no exílio, se não me engano.

E Julio: Amanhã começo a trabalhar com Gazmuri. Ele precisa de alguém para transcrever seu novo romance, porque escreve no papel, e não gosta de computadores.

E como se chama o romance?

Ele quer que a gente converse sobre o título, que a gente discuta. Um homem fica sabendo pelo rádio que um amor de sua juventude morreu. Aí começa tudo, absolutamente tudo.

E como continua?

Ele nunca a esqueceu, foi seu grande amor. Quando eram jovens cuidavam de uma plantinha.

Uma plantinha? Um bonsai?

Isso, um bonsai. Decidiram comprar um bonsai para simbolizar o amor imenso que os unia. Depois tudo vai para o saco, mas ele nunca a esquece. Fez sua vida, teve filhos, se separou, mas nunca se esqueceu dela. Um dia fica sabendo que ela morreu. Então resolve lhe prestar uma homenagem. Mas ainda não sei em que consiste essa homenagem.

Duas garrafas de vinho e depois sexo. As pequenas rugas dela de repente parecem mais visíveis, apesar da penumbra do quarto. Os movimentos de Julio são tardios, María, em compensação, adianta-se um pouco ao roteiro, consciente das indecisões de Julio. O

tremor cede um pouco, agora é mais um estremeamento compassado e até sensato que conduz naturalmente o jogo pélvico.

Por um momento, Julio se detém na cabeleira branca de María: parece um tecido fino mas esfiapado, imensamente frágil. Um tecido que é preciso acariciar com todo o cuidado e com amor. Mas é difícil acariciar com cuidado e com amor: Julio prefere descer pelo torso e levantar o vestido. Ela percorre as orelhas de Julio, examina a forma do nariz, ajeita suas costeletas. Ele pensa que deve chupar não o que um homem chuparia, mas o que chuparia essa mulher que ele pensa que ela imagina. Mas María interrompe os pensamentos de Julio: Mete de uma vez, diz a ele.

Às oito da manhã toca o telefone. A senhorita Silvia, da editora Planeta, me cobra quarenta mil pesos pela transcrição, diz Gazmuri. Sinto muito.

A secura de Gazmuri o deixa desconcertado. São oito horas da manhã de um domingo, o telefone acaba de acordá-lo, a lésbica ou não lésbica ou ex-lésbica que dorme a seu lado começa a se espreguiçar. Gazmuri lhe negou o trabalho, a senhorita Silvia, da editora Planeta, por quarenta mil pesos, fará o trabalho. Embora María nem esteja tão acordada assim para que possa perguntar quem ligou e que horas são, Julio responde:

Era Gazmuri, parece que se levanta cedo ou está muito ansioso. Ligou para confirmar que hoje à tarde já vamos começar com *Bonsai*. Esse vai ser o título do romance: *Bonsai*.

O QUE VEM DEPOIS DISSO É PARECIDO COM UM idílio. Um idílio que dura menos de um ano, até que ela vai para Madri. María vai para Madri porque tem que ir, mas principalmente porque não tem motivos para ficar. Todas as suas garotas vão embora para Madri, teria sido o deboche de amigos vulgares de Julio, mas Julio não tem amigos vulgares, sempre se resguardou muito das amizades vulgares. Enfim, mas neste relato ela não interessa. Quem interessa é Julio:

Ele nunca se esqueceu dela, diz Julio. Fez a sua vida, teve filhos e tudo o mais, se separou, mas nunca se esqueceu dela. Ela era tradutora, como você, mas de japonês. Eles se conheceram quando estudavam japonês, muitos anos antes. Quando ela morre, ele pensa que a melhor maneira de recordá-la é fazer novamente um bonsai.

E daí vai comprar um?

Não, desta vez ele não compra, ele mesmo o faz. Consegue manuais, consulta especialistas, planta as sementes, fica meio louco.

María diz que essa história é estranha.

É, acontece que Gazmuri escreve muito bem. Eu contando assim parece uma história estranha, melodramática até. Mas Gazmuri com certeza soube como moldá-la.

A primeira reunião imaginária com Gazmuri acontece naquele mesmo domingo. Julio compra quatro cadernos Colón e passa a tarde escrevendo num banco do Parque Florestal. Escreve freneticamente, com uma caligrafia fingida. De noite continua trabalhando em *Bonsai*, e na segunda de manhã já terminou o primeiro caderno do romance. Mancha alguns parágrafos, derrama café e até espalha marcas de cinzas no manuscrito.

Para María: É o maior teste para um escritor. Em *Bonsai* não acontece praticamente nada, o argumento dá para um conto de duas páginas, um conto talvez não muito bom.

E como se chamam?

Os personagens? Gazmuri não lhes deu nomes. Diz que é melhor, e eu concordo: são Ele e Ela, Huacho e Pochocha, não têm nomes e possivelmente também não têm rostos. O protagonista é um rei ou um mendigo, tanto faz. Um rei ou um mendigo que deixa a única mulher que ele realmente amou ir embora.

E ele aprendeu a falar japonês?

Eles se conheceram num curso de japonês. A verdade é que ainda não sei, acho que isso está no segundo caderno.

Nos meses seguintes Julio dedica as manhãs a fingir a letra de Gazmuri e passa as tardes diante do computador transcrevendo um romance que já não sabe se é alheio ou próprio, mas que se propôs a terminar, terminar de imaginar, pelo menos. Pensa que o texto definitivo é um presente de despedida perfeito ou o único presente possível para María. E é o que faz, termina o manuscrito e o dá de presente para María.

Durante os dias posteriores à viagem, Julio começa vários e-mails urgentes que acabam encalhados durante semanas na pasta de rascunhos. Finalmente resolve lhe enviar o seguinte texto:

Tenho pensado muito em você. Me desculpe, mas não tive tempo de escrever antes. Espero que tenha chegado bem.

Gazmuri quer que a gente continue a trabalhar juntos, embora não me diga muito bem no quê. Imagino que num outro romance. A verdade é que não sei se quero continuar aguentando as indecisões dele, sua tosse, seus pigarros, suas teorias. Parei de dar as aulas de latim. Não tenho muito mais para contar. O romance vai ser lançado na semana que vem. Na

última hora Gazmuri resolveu intitular-lo *Sobras*. Não acho que seja um bom título, por isso estou um pouco chateado com Gazmuri, mas enfim, o autor é ele.

Um abraço, J.

Temeroso e confuso, Julio vai até a Biblioteca Nacional para presenciar o lançamento de *Sobras*, o verdadeiro romance de Gazmuri. Do fundo da sala consegue divisar o autor, que assente, de vez em quando, com a cabeça, dando a entender que está de acordo com as observações de Ebensperger, o crítico encarregado da apresentação. O crítico move as mãos com insistência para demonstrar que está realmente interessado no romance. A editora, por sua vez, observa sem maiores dissimulações o comportamento do público.

Julio só ouve uma parte da apresentação: o professor Ebensperger alude à coragem literária e à intransigência artística, evoca, de passagem, um livro de Rilke, vale-se de uma ideia de Walter Benjamin (embora não confesse a dívida), e lembra um poema de Enrique Lihn (a quem chama simplesmente de Enrique) que, segundo ele, sintetiza perfeitamente o conflito de *Sobras*: “Um doente grave / se masturba para dar sinais de vida”.

Antes que a editora intervenha, Julio sai da sala e segue em direção a Providencia. Meia hora depois, quase sem perceber, chegou ao café onde conheceu Gazmuri. Decide ficar ali, à espera de que alguma coisa importante aconteça. Enquanto isso, fuma. Toma café e fuma.

**5.
DOIS
DESENHOS**

O FINAL DESTA HISTÓRIA DEVERIA NOS ANIMAR, mas não nos anima.

Numa tarde especialmente longa Julio decide começar dois desenhos. No primeiro aparece uma mulher que é María mas também é Emilia: os olhos escuros, quase negros de Emilia, e o cabelo branco de María; a bunda de María, as coxas de Emilia, os pés de María; as costas da filha de um intelectual de direita; as bochechas de Emilia, o nariz de María, os lábios de María; o torso e os mínimos peitos de Emilia; o púbis de Emilia.

O segundo desenho é teoricamente mais fácil, mas para Julio se mostra difícilíssimo, passa várias semanas fazendo esboços, até que dá com a imagem desejada:

É uma árvore em abismo.

Julio prende as duas imagens no espelho do banheiro, como se fossem fotografias recém-reveladas. E ali ficam, cobrindo completamente a superfície do espelho. Julio não se atreve a dar um nome à mulher que desenhou. E a chama de ela. A ela dele, bem entendido. E inventa uma história para ela, uma história que não é escrita, que ele não se dá ao trabalho de escrever.

Como seu pai e sua mãe se recusam a lhe dar dinheiro, Julio resolve se instalar como vendedor numa calçada da Plaza Italia. O negócio funciona: em apenas uma semana vende quase a metade de seus livros. Pagam especialmente bem pelos poemas de Octavio Paz (*O melhor de Octavio Paz*) e de Ungaretti (*Vida de um homem*) e por uma edição antiga das *Obras Completas* de Neruda. Também se desfaz de um dicionário de citações editado pela Espasa Calpe, de um ensaio de Claudio Giaconi sobre Gógol, de um par de romances de Cristina Peri Rossi que nunca leu e, por último, de *Alhué*, de González Vera, e de *Fermina Márquez*, de Valéry Larbaud, dois romances que ele leu, e muitas vezes, mas que nunca mais lerá novamente.

Destina parte do dinheiro da venda para documentar-se sobre os bonsais. Compra manuais e revistas especializadas, que decifra com metódica ansiedade. Um dos manuais, talvez o menos útil, mas também o mais adequado para um amador, começa assim:

Um bonsai é uma réplica artística de uma árvore em miniatura. Consta de dois elementos: a árvore viva e o recipiente. Os dois elementos têm de estar em harmonia e a seleção do vaso apropriado para uma árvore é, por si só, quase uma forma de arte. A planta pode ser uma trepadeira, um arbusto ou uma árvore, mas naturalmente alude-se a ela como árvore. O recipiente é normalmente um vaso ou bloco de rocha interessante. Um bonsai nunca é chamado de árvore bonsai. A palavra já inclui o elemento vivo. Uma vez fora do vaso, a árvore deixa de ser um bonsai.

Julio memoriza a definição, porque gosta daquela parte que diz que uma rocha pode ser considerada interessante e lhe parecem oportunas as diversas precisões dadas no parágrafo. "A seleção do vaso apropriado para uma árvore é, por si só, quase uma forma de arte", pensa e repete, até se convencer de que há, ali, uma informação essencial. Fica com vergonha, então, de *Bonsai*, seu romance improvisado, seu romance desnecessário, cujo protagonista nem sequer sabe que a escolha de um vaso é, por si só, uma forma de arte, que um bonsai não é uma árvore bonsai porque a palavra já contém o elemento vivo.

Cuidar de um bonsai é como escrever, pensa Julio. Escrever é como cuidar de um bonsai, pensa Julio.

Pelas manhãs ele vai atrás, a contragosto, de um trabalho estável. Volta para casa no meio da tarde, mal come alguma coisa e já se debruça sobre os manuais: procura a maior sistematicidade, invadido que está por um vislumbre de plenitude. Lê até ser

vencido pelo sono. Lê sobre as doenças mais comuns entre os bonsais, sobre a pulverização das folhas, sobre a poda, sobre o alambrado. Consegue, por último, sementes e ferramentas.

E faz. Faz um bonsai.

É UMA MULHER, UMA MULHER JOVEM.

Isso é tudo que María consegue saber sobre Emilia. O morto é uma morta, uma mulher jovem, diz alguém a suas costas. Uma mulher jovem se atirou no metrô em Antón Martín. Por um momento María pensa em se aproximar do local dos fatos mas reprime o impulso. Sai do metrô pensando no presumido rosto daquela mulher jovem que acaba de se suicidar. Pensa nela mesma, um dia, menos triste, mais desesperada do que agora. Pensa numa casa no Chile, em Santiago do Chile, num jardim dessa casa. Um jardim sem flores e sem árvores que no entanto tem direito – pensa – de ser chamado de jardim, pois é um jardim, sem dúvida é um jardim. Lembra uma canção de Violeta Parra: “*Las flores de mi jardín / han de ser mis enfermeras*”. Caminha em direção à livraria Fuentetaja, porque naquela tarde ficou na livraria Fuentetaja com um pretendente seu. Não interessa o nome do pretendente, a não ser porque no trajeto pensa, de repente, nele, e na livraria e nas putas da Calle Montera e também em outras putas de outras ruas que não vêm ao caso, e num filme, no nome de um filme que viu há cinco ou seis anos. É assim que começa a se distrair da história de Emilia, desta história. María desaparece no caminho da livraria Fuentetaja. Afasta-se do cadáver de Emilia e começa a desaparecer para sempre desta história.

Já foi embora.

Agora resta Emilia, sozinha, interrompendo o funcionamento do metrô.

Bem longe do cadáver de Emilia, ali, aqui, em Santiago, Anita escuta mais uma das habituais confissões de sua mãe, os problemas conjugais de sua mãe, que parecem intermináveis e que Anita analisa com irritante cumplicidade, como se fossem problemas seus, e de certo modo aliviada por não serem problemas seus.

Andrés, por sua vez, está nervoso: dentro de dez minutos começará a fazer um check-up e, embora não haja o menor indício de doença, de repente lhe parece claro que nos próximos dias vai receber notícias assustadoras. Pensa, então, em suas filhas, e em Anita e em alguém mais, em alguma outra mulher da qual sempre se lembra, mesmo quando não parece oportuno se lembrar de ninguém. Justo nesse momento vê sair um ancião que caminha com uma expressão satisfeita, calculando os passos, apalpando os bolsos em busca de cigarros ou de moedas. Andrés compreende que chegou sua vez, que agora deve fazer os exames de sangue de rotina, e depois as radiografias de rotina, e depois, talvez, a tomografia de rotina. O ancião que acaba de deixar o local é Gazmuri. Não se cumprimentaram, não se conhecem nem se conhecerão. Gazmuri está feliz, pois não está morrendo: afasta-se da clínica pensando que não vai morrer, que há poucas coisas na vida tão agradáveis quanto saber que não se vai morrer. Mais uma vez, pensa, eu me salvei por um triz.

A primeira noite no mundo com Emilia morta, Julio dorme mal, mas agora já está acostumado a dormir mal, por causa da ansiedade. Há meses espera o momento em que o bonsai irá se encaminhar para sua forma perfeita, a forma serena e nobre que previu.

A árvore segue o curso indicado pelos arames. Dentro de poucos anos, pretende Julio, ela vai finalmente ficar idêntica ao desenho. Naquela noite ele acorda umas quatro ou cinco vezes, e aproveita para observar o bonsai. Nos intervalos sonha com algo parecido com um deserto ou uma praia, um lugar com areia, onde três pessoas olham para o sol ou para o céu, como se estivessem de férias ou como se tivessem morrido sem perceber enquanto tomavam sol. De repente aparece um urso meio roxo. Um urso muito grande que se aproxima lenta, pesadamente dos corpos, e com igual lentidão começa a caminhar em volta deles, até completar um círculo.

QUERO TERMINAR A HISTÓRIA DE JULIO, MAS A história de Julio não termina, o problema é esse.

A história de Julio não termina, ou melhor, termina assim:

Julio fica sabendo do suicídio de Emilia só um ano ou um ano e meio mais tarde. Quem lhe dá a notícia é Andrés, que foi com Anita e as duas meninas a uma feira do livro infantil que se realiza no Parque Bustamante. No estande da editora Recrea aparece Julio, de vendedor, um trabalho mal pago mas muito simples. Julio parece feliz, porque é o último dia da feira, o que significa que no dia seguinte já poderá cuidar novamente do bonsai. O encontro com Anita é equívoco: no começo Julio não a reconhece, mas Anita pensa que ele está fingindo, que ele a reconhece mas não lhe agrada encontrá-la. Meio incomodada ela esclarece sua identidade e, de quebra, menciona que está separada de Andrés, que Julio conheceu vagamente durante os últimos dias ou as últimas páginas de sua relação com Emilia. Desajeitadamente, tentando entabular uma conversa, Julio pede detalhes, tenta entender por que eles, se estão separados, estão agora atuando juntos naquele irretocável passeio familiar. Mas nem Anita nem Andrés tem uma boa resposta para as impertinências de Julio.

Só na hora da despedida Julio faz a pergunta que deveria ter feito no começo. Anita olha para ele, nervosa, e não responde. Vai embora com as meninas comprar maçãs carameladas. É Andrés quem fica, e lhe faz um péssimo resumo de uma história muito longa que ninguém conhece bem, uma história comum cuja única particularidade é que ninguém sabe contá-la direito. Andrés conta, então, que Emilia sofreu um acidente, e como Julio não reage, não pergunta nada, Andrés define: Emilia está morta. Se jogou na linha do metrô ou algo assim, a verdade é que eu não sei. Estava envolvida com drogas, parece, mas na verdade não, eu não

acredito nisso. Morreu, foi enterrada em Madri, disso eu tenho certeza.

Uma hora mais tarde Julio recebe seu pagamento: três notas de dez mil pesos com as quais tinha pensado em se virar durante as duas semanas seguintes. Em vez de ir para seu apartamento ele faz sinal para um táxi e pede ao motorista que dirija trinta mil pesos. Repete, explica e até dá o dinheiro adiantado para o taxista: siga em qualquer direção, rode em círculos, em diagonais, tanto faz, eu desço do seu táxi quando bater nos trinta mil pesos.

É uma longa viagem, sem música, de Providencia até Las Rejas, e depois, de volta, Estación Central, Avenida Matta, Avenida Grecia, Tobalaba, Providencia, Bellavista. Durante o trajeto Julio não responde a nenhuma das perguntas que o motorista do táxi lhe faz. Não o escuta.

Santiago, 25 de abril de 2005

SOBRE O AUTOR

Alejandro Zambra nasceu em Santiago, no Chile, em 1975. *Bonsai*, seu primeiro romance, foi traduzido na França, Itália, Holanda, China, Israel, entre outros países. No Chile, o livro ganhou o Prêmio da Crítica e o Prêmio do Conselho Nacional do Livro como melhor romance de 2006, ano de sua publicação. Além de *Bonsai*, Zambra escreveu dois volumes de poesia, *Bahía Inútil* (1998) e *Mudanza* (2003), a coletânea de ensaios *No Leer* (2010), além dos romances *La vida privada de los árboles* (2007) e *Formas de volver a casa* (2011). Eleito pela revista britânica *Granta* como um dos vinte e dois melhores jovens escritores hispano-americanos, Alejandro é também crítico, professor de literatura e diligente leitor de manuais, revistas especializadas e livros técnicos sobre o cultivo de bonsai.

©Cosac Naify, 2013

©2006 Alejandro Zambra. Editorial Anagrama S.A.

Coordenação editorial EMILIO FRAIA

Projeto gráfico original FLÁVIA CASTANHEIRA

Revisão THIAGO LINS e MARIA FERNANDA ALVARES

Adaptação e coordenação digital ANTONIO HERMIDA

1ª edição eletrônica, 2013

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Esta obra foi publicada com o apoio da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Cultura da Espanha.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zambra, Alejandro

Bonsai: Alejandro Zambra

Título original: *Bonsai*

Tradução: Josely Vianna Baptista

São Paulo: Cosac Naify, 2013

ISBN 978-85-405-0431-8

1. Ficção chilena I. Título

12-03980

CDD 861

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura chilena 861

FONTE Arnhem e SangBleu

